

BICICROSS: RELAÇÕES ENTRE CORPO, NATUREZA E CULTURA

Recebido em: 18/04/2013

Aceito em: 03/01/2014

*Laís Saraiva Torres*¹

*Déborah Reis do Nascimento*²

*Maria Isabel Brandão de Souza Mendes*³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal – Rio Grande do Norte – Brasil

RESUMO: O presente artigo teve como objetivo analisar relações existentes entre corpo, natureza e cultura em imagens de praticantes de *bicicross* em Ponta Negra – Natal/RN, com o intuito de refletir sobre mudanças ocorridas no local e nos praticantes. Trata-se de um estudo de campo de natureza qualitativa que aponta reflexões com base em três técnicas de pesquisa: análise de imagens, entrevista semi-estruturada e observação, tecendo diálogo com a literatura. A caracterização do local, a caracterização dos praticantes e a análise das imagens foram os três itens destacados para as reflexões e discussões dos resultados. Diante das análises realizadas pode-se destacar que o *bicicross* não pode ser pensado apenas como uma modalidade esportiva, mas também como uma das manifestações da cultura de movimento que abarca aspectos do entrelaçamento entre corpo, natureza, cultura e que pode ser vivenciada no lazer.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo Humano. Natureza. Cultura.

BMX: RELATIONS BETWEEN BODY, NATURE AND CULTURE

ABSTRACT: This article aims to analyze relationships between body, nature and culture in pictures of practitioners *bicicross* in Ponta Negra - Natal / RN, in order to reflect on changes in the local and practitioners. This is a field study of qualitative pointing reflections based on three research techniques: image analysis, semi-structured interviews and observation, weaving dialogue with the literature. The site characterization, the characterization of practitioners and image analysis were the three items related to the reflections and discussions of the results. Before the analyzes can highlight the BMX can not be thought of only as a sport but also as a manifestation of culture movement that embraces aspects of entanglement between body, nature, and culture that can be experienced at leisure.

¹ Graduanda do curso de Educação física da Universidade do Rio Grande do Norte. Bolsista de Iniciação Científica.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

³ Docente do Curso de Graduação e Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e m Saúde da Família no Nordeste da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Pesquisadora do Grupo Corpo e Cultura de Movimento da UFRN.

KEYWORDS: Human Body. Nature. Culture.

INTRODUÇÃO

O *bicicross*⁴ originou-se no início da década de 70 nos Estados Unidos e se popularizou nas cidades de Nova Iorque e Califórnia. Seu surgimento ocorreu quando as crianças movidas pela observação de seus ídolos no motocross, passaram a imitá-los nas bicicletas, construíram pistas e promoveram corridas informais. Assim, a modalidade foi promovida e divulgada pelos pais das crianças, já que estes reconheceram características positivas nessa prática corporal. Em 1974, foi fundada a primeira entidade organizadora do *bicicross*, reconhecida como *National Bicycle League* (NBL), e a partir disso, esse esporte começou a ser reconhecido mundialmente.

É interessante observar que o *bicicross* emerge em um contexto, mas foi difundido para outros locais.

Essa capacidade de atravessar bairros, cidades, estados e países, além de ocorrer pelo fato de serem considerados como sistemas comunicativos, também sofrem influências do que é valorizado na sociedade em que estão inseridos e acabam sucumbindo aos ditames da economia de mercado e da espetacularização (MENDES E NÓBREGA, 2009, p.7).

Foi na Olimpíada de Pequim no ano de 2008, que o *bicicross* fez sua estreia em Olimpíadas, com a presença de ambos os gêneros, masculino e feminino. Com relação a este aspecto, o trabalho⁵ de Johanna Coelho Von Mühlen (2009) fala sobre a mudança do olhar da atleta feminina com a entrada de novas modalidades nos Jogos Olímpicos destacando, entre elas, o *bicicross*. Como afirma a autora citada, “o discurso produzido

⁴ De acordo com as informações encontradas no site www.bmxracing.com.br, “*bicicross*” é a tradução da expressão inglesa *Bicycle Motocross* (BMX). Acesso em 15 de setembro de 2012.

⁵ *Jogos de gênero em Pequim 2008: representação de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

para as atletas dessa modalidade borra a fronteira da fragilidade feminina. É uma modalidade considerada ‘radical’, ‘de aventura’, o que exige de seus praticantes, tanto homens quanto mulheres, coragem” (MÜHLEN, 2009, p.68).

Apesar do *bicicross* fazer a sua estreia em Olimpíadas, com a presença de ambos os gêneros em Pequim, não é em todas as culturas que este fenômeno prevalece atualmente, o que nos faz questionar como isso procede no contexto brasileiro. Para tal, nos direcionamos para a origem do *bicicross* no Brasil.

O *bicicross* chegou ao nosso país através de Orlando Camacho, no ano de 1978, responsável por chefiar a primeira equipe da América do Sul, composta por garotos do bairro da Mooca, São Paulo. A divulgação foi realizada inicialmente no Estado de São Paulo, principalmente, em locais como as escolas e as praças. As primeiras exibições foram em rampas de madeira e ocorreu no Guarujá/SP, em agosto de 1978. No ano seguinte, foi construída uma pista na Marginal Pinheiros/SP, a primeira pista de *bicicross Racing*⁶ da América do Sul que era composta por obstáculos, curvas e poços de lamas⁷.

A confederação brasileira de *bicicross* – CBBx, foi fundada 11 anos depois de sua chegada ao país, no dia 02 de fevereiro de 1989, a partir das federações Paulista, Paranaense e Mineira de *bicicross* e é sediada na cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul.

Foi através do convite de uma fabricante de bicicletas, a Monark, que Orlando Camacho veio para o Brasil. Na mesma época de sua chegada, a empresa desenhou, criou e lançou uma bicicleta própria para a prática do *bicicross*, com “tanque”,

⁶ O *bicicross Racing* é a modalidade “corrida” desse esporte.

⁷Essas informações históricas estão disponíveis em: www.bmxracing.com.br e <http://www.cbbx.com.br/>. Acesso em: 15 set. 2012.

paralamas e um banco semelhante ao das motos de motocross que foi nomeada de BMX. A Monark era a proprietária da pista localizada na Marginal Pinheiros, dessa forma, os pilotos utilizavam os equipamentos e as bicicletas fornecidas pela empresa, como afirma o autor citado:

O bicicross dependia dos fabricantes de bicicletas, que davam nome a campeonatos e equipes e detinham a propriedade das principais pistas de São Paulo. Pilotos e a própria revista solicitavam investimentos, noticiando vendas, projetos, iniciativas publicitárias e estimulando a concorrência entre os principais fabricantes, Caloi e Monark [...] (FORTES, 2009, p. 9).

Desde então, o *bicicross* passou a ganhar seu espaço nacionalmente. Outras empresas se interessaram por essa nova manifestação, montaram suas equipes, lançaram novos modelos de bicicletas e diversas pistas foram construídas pelo país⁸.

Por meio desse viés, nota-se que as empresas direcionavam o *bicicross* somente como esporte-competição, monopolizando-o, onde essa manifestação associa-se à utilização de equipamentos de suas marcas.

É interessante ressaltar que os estudos na área das Ciências Naturais quando se direcionam sobre o esporte competitivo, utilizam em seus discursos, por exemplo, somente informações sobre as capacidades cardiorrespiratórias e musculares e restringem o movimento humano aos aspectos apenas naturais.

Em contraposição a essa naturalização do movimento humano existem conceitos na Educação Física que além de reconhecerem os aspectos biológicos, consideram também os aspectos culturais do movimento humano, como os citados a seguir: “cultura de movimento”, “cultura corporal” e “cultura corporal de movimento”. Esses discursos reconhecem a importância dos estudos das Ciências Humanas e Sociais para a leitura

⁸ Disponível em: <http://360graus.terra.com.br> . Acesso em : 15 set. 2012.

dos fenômenos. Portanto, neste estudo compreendemos que o *bicicross* pode ser considerado como uma das manifestações da cultura de movimento.

O conceito de “cultura de movimento” não se restringe ao movimento corporal como sendo somente um deslocamento do corpo no espaço, mas como afirmam Mendes e Nóbrega (2009) abarca o reconhecimento cultural e intencional desse movimento. Afinal o movimento não é somente um fenômeno puramente físico, pois o corpo que se movimenta se relaciona com o mundo em que está inserido.

Com relação à cultura de movimento é relevante ressaltar que:

[...] ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento [...] marcado pela linguagem sensível que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abrangendo os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do seu corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais (MENDES E NÓBREGA, 2009, p.6).

Não é só por meio do esporte-competição que essa manifestação da cultura de movimento pode ser reconhecida, mas, também, o lazer pode ser muito significativo para operar como um divulgador e incentivador do *bicicross*. O presente estudo fundamenta-se em uma das conceituações de lazer importantes debatidas na Educação Física e que é destacada por Gomes (2004, p.125), quando a autora diz que o lazer é:

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Quando direcionamos as discussões sobre o *bicicross* no Rio Grande do Norte, identificamos que essa manifestação da cultura de movimento não é tão divulgada e é restrita àqueles que conhecem ou que moram perto de alguma pista apropriada para sua

realização. Neste Estado é realizado anualmente o Campeonato Norte Rio-Grandense de *Bicicross* e no ano de 2012, a competição foi dividida em cinco etapas, realizada em quatro municípios: Natal, Mossoró, Macaíba e São Gonçalo⁹. Em Natal, no bairro de Ponta Negra, ocorreu no dia 10 de junho de 2012 a 2ª etapa desse campeonato, sendo este bem regulamentado e dividido em 14 categorias: 13 masculinas, de acordo com a faixa etária, e uma categoria feminina, com a presença de apenas uma participante.

A modalidade disputada nesse campeonato é a do BMX Racing, caracterizada como uma corrida, disputada entre oito participantes, que devem percorrer todo o circuito composta por rampas de variadas formas e tamanhos¹⁰. A outra modalidade do *bicicross* é o BMX Freestyle.

Assim, a natureza tem destaque no local de prática do *bicicross*, sendo ela um dos componentes e uma das características marcantes para a vivência dessa manifestação da cultura de movimento, já que mantém uma relação de co-pertença com o praticante.

Diante das informações históricas, das características do *bicicross* e da escassez de estudos sobre esta temática, elencamos algumas questões de estudo para a realização desta pesquisa: Que relações podem ser estabelecidas entre corpo, natureza e cultura em imagens de praticantes de *bicicross*? Que mudanças podem ser identificadas no local e nos praticantes de *bicicross*?

Considerando as questões de estudo apresentadas, o objetivo da pesquisa foi analisar relações existentes entre corpo, natureza e cultura em imagens de praticantes de

⁹ Disponível em: <http://cfnbx.blogspot.com.br/>. Acesso em: mar. 2013.

¹⁰ Para mais informações sobre as características da competição: SALLES, G. S. L. M. *et al.* Caracterização do Volume e Intensidade de Provas de Bicicross. Coleção Pesquisa em Educação Física, Jundiaí/sp, n. , p.161-166, 01 jul. 2007.

bicicross em Ponta Negra – Natal/RN, com o intuito de refletir sobre mudanças ocorridas no local e nos praticantes.

O interesse em pesquisar sobre o *bicicross* surgiu por meio da observação de uma das pesquisadoras ao passar diariamente pelo local, no qual se encontram duas pistas específicas para a sua prática, surgindo o interesse em trazer o tema para o meio acadêmico.

As discussões sobre o *bicicross* são de fundamental importância para a área da Educação Física, visto que existem poucos trabalhos que abordem de forma direta o tema. Destaca-se o estudo de Rafael Fortes¹¹ (2009) que tem trabalhado com temáticas sobre esportes radicais trazendo contribuições sobre o *bicicross*, abordando questões como a dificuldade da prática, o esporte como competição, a presença familiar dos praticantes e sua divulgação no país.

Dando sequência no trabalho mostraremos, respectivamente, o caminho metodológico, os resultados do estudo e as discussões vinculadas à fundamentação teórica, e por fim, as considerações finais.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo configurando-se como uma abordagem qualitativa. Segundo Severino, (2007) neste tipo de abordagem, a base de investigação, pauta-se na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando contextualizar, sem ter como fim a generalização das informações. As pesquisas de corte qualitativo não costumam se servir de instrumentos de coleta de informações que utilizam valores numéricos ou que

¹¹ Doutor e mestre em Comunicação, jornalista e historiador – todos os títulos obtidos na Universidade Federal Fluminense (UFF).

tomem apoio neles para proceder à análise e interpretação das informações recolhidas (TRIVINOS, 2004). Assim no estudo de campo:

[...] o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos, que são mais descritivos, até mais analíticos. (SEVERINO, 2007, p.123).

Durante o percurso metodológico foram utilizadas três técnicas de pesquisa com foco na pista de *bicicross* do bairro de Ponta Negra, Natal/RN, a saber: análise de imagens, entrevista semiestruturada e observação. A observação do local, como “procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados, etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa” (SEVERINO, 2007, p. 125), foi realizada diariamente durante o mês de agosto e setembro de 2012.

Para a análise de imagens, utilizou-se como forma de registro e sistematização de dados durante as intervenções fotografias do local e dos praticantes, realizando-se uma entrevista semiestruturada com dois praticantes, sendo um de cada modalidade e um familiar. Esta escolha foi intencional, pois o critério de inclusão para o estudo foi ser participante de cada modalidade e que se apresentassem de forma voluntária, permitindo desse modo a realização das entrevistas e o consentimento para a utilização dos registros fotográficos e de suas falas.

Para Severino (2007) por meio da entrevista semiestruturada obtêm-se informações a partir das falas dos entrevistados, de maneira que o entrevistador conserva-se em escuta atento, coletando todas as informações. Neste procedimento, o entrevistador só intervém discretamente para, eventualmente, estimular o depoente.

No caso desta pesquisa, o intuito foi obter informações sobre a rotina, a historicidades do local, a modalidade, e os frequentadores (idade e gênero), verificando-se uma expressão maior do gênero masculino.

Com relação aos registros fotográficos, para a construção do trabalho proposto, foram escolhidas as melhores fotos registradas do *bicicross*, com ênfase na modalidade corrida e *dirt jumping*. Cabe destacar que apesar de ambas as modalidades comporem o *bicicross*, cada uma apresenta suas particularidades. A seleção das fotos ocorreu conjuntamente entre os autores com a intenção de exibir elementos relevantes para a nossa análise em diálogo com o referencial teórico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão divididos e apresentados em três itens, nomeados, respectivamente, como: caracterização do local, caracterização dos participantes e análise das imagens. Serão realizadas discussões para cada um desses itens, entre o que foi coletado e a fundamentação teórica.

O primeiro item está relacionado à informação da localização que foram realizadas as intervenções e a descrição desse local. No segundo item destacam-se as características principais dos praticantes do *bicicross* naquele local, além da identificação do tipo de acessórios utilizados por eles durante a prática. No terceiro, e último item, são expostas duas imagens escolhidas para serem analisadas, buscando-se relações entre corpo, natureza e cultura.

Dessa forma, as discussões realizadas, nos itens caracterização do local e caracterização dos participantes, discorrem a partir da descrição do que foi observado, como por exemplo, quais práticas corporais podem existir no espaço; quem utiliza esse

espaço; quais as modalidades, os tipos de pista e a frequência que o *bicicross* é praticado; o sexo; a idade e os equipamentos utilizados pelos praticantes. Além disso, através das entrevistas semiestruturadas foi possível fazer uma discussão sobre o histórico do local e das pistas de *bicicross*.

Para a apresentação de relações entre corpo, natureza e cultura em imagens de praticantes de *bicicross* em Ponta Negra as reflexões e discussões são realizadas por meio das sensações que foram despertadas ao observá-las e em diálogo com o referencial teórico.

Caracterização do local

As pistas de *bicicross* estão localizadas no bairro de Ponta Negra, situado na zona sul da cidade de Natal no Rio Grande do Norte, em uma área que podem ser desenvolvidas outras manifestações da cultura de movimento, já que, além dessas pistas, foi visto também, traves para praticar o futebol de areia, e ao seu redor, um calçadão para a prática de caminhadas. Além disso, pela estrutura que apresenta, pode ser considerado um local de convivência para aqueles que ali moram ou que estejam passeando, pois no espaço são encontrados bancos de praça, além de haver um posto policial na área, e em seu entorno têm-se casas, prédios residenciais e comerciais. Durante o período de observação constatamos a presença da comunidade no local que se relacionam entre si de diferentes maneiras, ocupando e utilizando aquele espaço de diversas formas. Observou-se que os frequentadores tornam aquela área com uma característica familiar, sendo possível relatar pais e mães com seus filhos passeando, vizinhos conversando, jovens jogando futebol, crianças brincando, amigos caminhando e, principalmente, os praticantes do *bicicross* andando em suas bicicletas.

É relevante ressaltar que para esse local ser realmente de convivência, tanto aos que ali moram ou aqueles que estejam passeando, torna-se necessário que o mesmo contribua com a socialização, não se reduzindo a um lugar restrito à competitividade exacerbada. Nesse sentido, destacamos que o lazer é um fenômeno extremamente relevante e que traz a possibilidade de oferecer encontros, colaborando dessa maneira para problematizar uma sociedade que privilegia o isolamento. Para reforçar essa ideia, o estudo de Rago (2000) é emblemático, pois mostra que o tempo livre pode ser reconhecido como um espaço para troca, ao invés de reforçar o isolamento e a intolerância entre as pessoas, permite a interação social.

Com relação especificamente aos espaços para a prática do *bicicross* no local visitado, observamos que existem dois tipos de pistas, categorizando duas modalidades: corrida e *dirt jumping*. Foi possível identificar que cada uma dessas modalidades tem semelhanças, pois segundo Fortes (2009), o *bicicross* é um esporte ligado à terra. Porém, as pistas são específicas, como relatamos a seguir.

Imagem 1: Pista de dirt jumping (2012)



Fonte: Laís Torres (2012).

A pista de *dirt jumping* (IMAGEM 1) foi construída pelos próprios praticantes, no qual eles receberam doações de barro e cada um teve que contribuir financeiramente para a sua construção. Inicialmente, os praticantes queriam que a pista ficasse localizada em um determinado lado da área, porém, ao questionarem os moradores que residem mais próximo do lado escolhido, não concordaram com a construção naquele local. Então, eles foram conversar com os moradores do lado oposto, que concordaram com a construção e, assim, puderam iniciar e concretizar a pista idealizada por eles. Atualmente, existe a vontade de ampliá-la, porém, como isso requer um pouco de tempo e os custos são altos, não existe ainda o apoio governamental. Este episódio nos chama a atenção para o descaso que ainda prevalece no que se refere aos investimentos necessários para que o lazer se concretize como direito do cidadão. Neste sentido, destacamos a seguinte fala:

Apesar de a Constituição brasileira garantir o acesso ao lazer como um direito de todo e qualquer cidadão, independente de classe social, idade, sexo, ou religião, o que se vê, na realidade, é esse acesso sendo negligenciado, a começar pelas ações governamentais, que colocam à frente a educação, a habitação, a saúde etc., como se o lazer não possibilitasse oportunidades de desenvolvimento social para a população (OLIVEIRA. *et al.*, 2010, p. 90).

Imagem 2: Pista de corrida (2012)



Fonte: Laís Torres (2012).

Com relação à pista de corrida do *bicicross* (IMAGEM 2), descobrimos um pouco da sua história, quando conversamos com um dos pais dos praticantes. Em seu relato, a pista existe desde o início do bairro de Ponta Negra, e quem preservava aquele espaço, com recursos próprios e sem nenhuma ajuda governamental, era um senhor morador do bairro. Após falecer, o espaço ficou abandonado e anos depois seu filho resolveu reativar a pista e fazer a manutenção do local, assim como antes, sem nenhum apoio do poder público.

Com isso, nota-se o negligenciamento dos governantes com a população diante das políticas públicas do lazer, não garantindo os direitos sociais que à lei dá acesso. A falta de reflexões sobre o lazer, pelos gestores e pela sociedade, dificulta a implantação e a efetivação em políticas públicas de lazer na atualidade, dificultando também a apropriação do lazer como um direito social (OLIVEIRA. *et al.*, 2010).

Essa problemática não é recente e é tematizada por Bramantes (2004) quando destaca que apesar de ter aumentado a preocupação com a elaboração de políticas de lazer no Brasil a partir da década de 1980, principalmente no setor público, “na maioria das vezes essas políticas de lazer são formuladas e não implementadas” (BRAMANTE, 2004, p. 187).

Caracterização dos participantes

De fato, o espaço investigado é utilizado principalmente por moradores do bairro de Ponta Negra, e essa informação pôde ser verificada na entrevista com um dos praticantes. Além disso, foi relatado que os dias de mais movimento na pista de *bicicross* são nos finais de semana, principalmente entre as 15h e 18h, por jovens do sexo masculino que praticam a modalidade como forma de lazer.

Por ser um local aberto, o sol determina o horário da presença dos praticantes, e no caso de chuvas, esses são impedidos de andar em suas bicicletas. De acordo com Fortes (2009), como o *bicicross* é praticado ao ar livre, com exceção das pistas cobertas, os problemas climáticos poderiam atrapalhar ou impedir sua realização, pois estão sujeitos à chuva e ao vento.

Foi observado que as faixas etárias dos praticantes são divididas de acordo com o tipo de modalidade do *bicicross*. Diante disso, os praticantes da modalidade corrida têm por volta dos 12 aos 18 anos, e para a modalidade *dirt jumping* essa faixa etária é maior, variando dos 20 aos 35 anos, talvez pelo nível de dificuldade ser superior.

A maior parte dos praticantes são adolescente/estudantes, sendo, talvez por isso, o movimento nas pistas de *bicicross* serem maiores aos finais de semana. Essa informação pôde ser confirmada em um diálogo com um dos pais, que justificava levar

seu filho aos sábados e domingos para não atrapalhar os estudos, corroborando com o autor citado (FORTES, 2009, p. 6): “A dificuldade de conciliar estudos e prática esportiva – com ou sem objetivos de competição – é um dos dilemas vividos pelos praticantes comuns [...]”.

É importante destacar a presença dos pais apoiando e incentivando seus filhos, sendo eles os verdadeiros divulgadores dessa manifestação da cultura de movimento, que é restrita e pouco divulgada para a população. Outras funções são atribuídas aos pais:

No cotidiano de competições de bicicross vive-se um ambiente bastante familiar, no sentido lato da palavra, e uma cena bastante comum é encontrar nas pistas famílias inteiras: pais, mães, filhos e filhas. Os pais, longe de serem meros espectadores, são ativos participantes das provas seja como comissários de pistas ou então como técnicos, algumas vezes como chefes de equipes, ou mesmo como torcedores mais fanáticos do que aqueles que se vê nos campos de futebol (ANDREATA apud FORTES, 2009, p.8)

A ausência do sexo feminino para vivenciar o *bicicross* não pode passar despercebida, sendo importante discutir a relação entre os gêneros. Segundo Mühlen (2009) o BMX é uma modalidade que requer coragem, um atributo não-histórico e não-cultural do sexo feminino, atribuindo a esse gênero características como a delicadeza e o medo, e as mulheres que praticam essa modalidade rompem com esses pré-conceitos. A naturalização de atributos ditos como masculinos e femininos, diante das características dessa manifestação da cultura de movimento, interfere na presença de um maior número de praticantes mulheres nas pistas de *bicicross*. Com a coragem ligada ao universo cultural masculino, algumas praticantes já se opõem a essa associação como pode ser identificado na fala de uma mulher a seguir, exposta na pesquisa apresentada acima:

Na reportagem que circulou no site em 20 de agosto percebemos uma fala da campeã mundial da modalidade: exibindo vários piercing, Reade não soube explicar sua queda, mas quando perguntada se teve medo na largada para a

segunda corrida, ela foi enfática: “nunca tenho medo, nunca tenho medo” (MÜHLEN, 2009, p. 68).

Imagem 3 - Praticante do bicicross que não utiliza equipamentos de segurança (2012).



Fonte: Laís Torres (2012).

Apesar de não serem atletas profissionais, é notável a ausência (IMAGEM 3) e a presença (IMAGEM 4) de equipamentos de segurança utilizados em sua totalidade pelos praticantes de *dirt jumping*, e na maior parte pelos praticantes da corrida. No *dirt jumping* os equipamentos são notáveis e tornam-se essenciais devido ao número de quedas que os praticantes sofrem ao tentarem executar as manobras no ar. Já na modalidade corrida, a presença dos equipamentos não é total, porém foi observado que esses acessórios determinam a velocidade com que os praticantes percorrem a pista, na qual aqueles que estão equipados arriscam a serem mais velozes em comparação aos que não estão usando nenhum tipo de equipamentos.

Além disso, as bicicletas para ambas as modalidades geralmente são de 20 polegadas (aro 20). Os praticantes veteranos estão mais equipados quando comparados

aos iniciantes, pois isso é bem diferenciado não somente nos equipamentos (capacetes, luvas), nas vestimentas (tênis, calça) e nos tipos de bicicleta, mais também nos gestos entre eles.

Imagem 4 – Praticante de bicicross que utiliza equipamentos de segurança (2012)



Fonte: Laís Torres (2012).

A diferença também é perceptível ao nível de técnica corporal de um iniciante comparado com outro que apresenta mais tempo de prática da manifestação, como é bem exemplificado por Mauss (2003) ao falar sobre a técnica do mergulho. O referido autor, que se reporta ao contexto do início do século XX, destaca que: “Há, portanto uma técnica do mergulho e uma técnica da educação do mergulho que foram descobertas em meu tempo” (MAUSS, 2003, p. 402).

Com a fala de Marcel Mauss sobre as técnicas do mergulho, podemos observar que se quisermos refletir sobre as técnicas corporais do *bicicross* é importante destacar que elas vão se modificando conforme o tempo de prática por meio de uma educação do *bicicross*. Portanto, as técnicas corporais são reconhecidas pelo autor como “as

maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo” (MAUSS, 2003, p. 401).

Relações entre corpo, natureza e cultura a partir de imagens

Segundo Goellner e Melo (2001) ao se olhar uma imagem, ela abarca nossos sentidos, por meio da sensibilidade posta nesse contato, não sendo utilizadas apenas como mera ilustração, mas também como um texto. Dessa forma, ao observá-las, os elementos que elas possuem nos envolvem, e as transcrevemos para o papel a partir do modo como às vemos. E isto não é algo absoluto, mas uma experiência que nunca se esgota, sendo capaz de despertar significados diversos para aqueles que as olham e podem surgir novos sentidos em cada novo contato. Em outras palavras:

A forma imagem, com suas linhas, superfícies, perspectivas, manchas, é também a forma de pensar o que a imagem mostra. Os significados das imagens são também os significados de como elas se mostram. E aí as imagens tornam-se signos. Então, também, se lê uma imagem. Uma imagem é texto (SOARES, 2005, p. xxi).

E, por falar em texto, refletimos que a recíproca entre texto e imagem é verdadeira, ou seja, da mesma forma que uma imagem é um texto, o texto também é uma imagem. Ao ler suas palavras, suas linhas, seus parágrafos, o texto permite-nos criar um imaginário do que está ali escrito e que, também, assim como a imagem, cada interpretação revelará um novo modo de ver. Como afirma Soares (2005, p. xxi): “Um texto revela-se pouco a pouco, acumulando sentidos, trazidos pelas palavras, pela sintaxe. Os significados das palavras são também os significados de como elas se mostram. Então também se vê um texto. Um texto é uma imagem”.

Portanto, ao analisarmos as imagens, a forma como o corpo se comporta tem uma intencionalidade de acordo com cada um dos movimentos. Na Imagem 5, está sendo realizado um movimento veloz e rápido, e isso é notável pela forma corporal que o praticante apresenta. O tronco e seus membros superiores e inferiores se flexionam, mudando o centro gravitacional e seu centro de massa, com a intenção de se ter estabilidade para que tenha mais segurança em realizar esse movimento de velocidade. Sensação de leveza, de estar aterrissando no solo jogando o peso do corpo para frente, de modo que a roda anterior da bicicleta estabeleça contato com o chão primeiramente. Sensação de rapidez expressa no esvoaçar das árvores que faz desfocar o olhar e dá visibilidade à turvação.

Imagem 5 - Praticante da modalidade corrida do *bicicross* (2012)



Fonte: Laís Torres (2012)

Já na Imagem 6 os movimentos são opostos. A intencionalidade do movimento não é mais a velocidade, e sim, alcançar a maior altura e parar no alto o máximo de tempo possível. Diante disso, estendendo membros e troncos o praticante do *bicicross* torna-se mais leve, conseguindo realizar o movimento desejado. Sensação de lentidão,

de estar flutuando por entre as nuvens. Sensação de vagar sem ter pressa para chegar a algum lugar.

Imagem 6: Praticante da modalidade dirt jumping do bicicross (2012)



Fonte: Laís Torres (2012)

Diante das imagens apresentadas acima, ao fazermos a análise desta manifestação da cultura de movimento denominada *bicicross*, corroboramos com a afirmação de Nóbrega (2003, p. 134), quando ressalta que a cultura de movimento é “um conceito que expressa diferentes compreensões e usos do corpo em uma determinada cultura ou sociedade”.

Com isso, relembando o surgimento do *bicicross*, destacamos que ele não é somente resultado de uma imitação, mas sim, que pode ser compreendido também como a criação de uma nova manifestação cultural a partir das trocas culturais que essa “cultura de movimento” proporciona entre os povos. A imitação não é somente um ato biológico, mas também, psicológico e social, pois pode haver um prestígio entre o imitador e o imitado. As palavras de Marcel Mauss destacam que:

[...] a criança, como o adulto imita atos bem sucedidos que ela viu ser efetuado por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. O indivíduo assimila a série dos movimentos de que é composto o ato executado diante dele ou com ele pelos outros (MAUSS, 2003, p. 405).

Dessa forma, os praticantes da modalidade corrida e os praticantes da modalidade manobra, por existir em cada um deles características próprias, tornam-se sociedades diferentes e criam movimentos específicos dentro de sua modalidade, produzindo uma cultura de movimento em ambos.

Portanto, a forma como o *bicicross* é praticado em Natal/RN é diferente de onde essa prática corporal se originou. Como os hábitos são próprios e ao se conhecer as características da atitude do corpo, pode-se saber de qual sociedade àquela cultura de movimento faz parte. Sobre as gestualidades específicas de cada cultura, Marcel Mauss relata diante do contexto de sua época que era possível:

[...] adivinhar com certeza, se uma criança conserva a mesa os cotovelos junto ao corpo e, quando não come, as mãos sobre o joelho, que ela é inglesa. Uma criança francesa não se comporta mais assim: abre os cotovelos em leque e os apoia sobre a mesa, e assim por diante” (MAUSS, 2003, p. 404).

Diante desta discussão, ressaltamos que o movimento é um fenômeno biocultural, em que o gesto humano é desnaturalizado, se opondo a concepção mecanicista do corpo, em que o contexto histórico e a natureza são organizadores dessa cultura de movimento.

Fazendo uma análise levando em consideração relações entre corpo, natureza e cultura, Mendes e Nóbrega (2009) consideram a natureza viva e afirmam que ela mantém uma relação de reciprocidade e pertencimento recíproco com o ser humano. Nesta compreensão de natureza viva, o ser humano não é reconhecido como superior em relação aos outros seres que estão a sua volta, se opondo a compreensão cartesiana.

Nas discussões acerca da natureza viva, Maurice Merleau-Ponty afirma que: “a natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta” (MERLEAU-PONTY, 2000, p.4).

A partir dessa conceituação de natureza viva pode ser percebida a existência de uma relação desta manifestação da cultura de movimento com a natureza e o corpo. Porém, compreende-se que a natureza não é somente o verde das árvores, mas também o sol, as nuvens, os demais praticantes que ali estão, e o próprio formato das pistas, suas rampas, seus obstáculos, seus contornos, que foram construídos por terra batida, e que também fazem parte dessa natureza. Contudo, é notável que o corpo que produz o movimento também pertence a essa natureza, desde a construção das pistas até o momento em que o movimento é ali criado.

Na imagem 6, a reciprocidade e a co-pertença é bem presente, pois a história da pista de manobras exemplifica que foi necessário modificar a natureza para tornar possível sua construção. Nota-se então, que antes havia areia, capim e plantas, hoje, vê-se um morro de terra batida com sacos cheios de barro e um caminho entre os capins, que de tanto as bicicletas circularem, tornou-se descampado, formando um novo cenário. Além disso, o corpo modifica-se no momento em que a bicicleta se encontra com a rampa, alterando a intencionalidade do movimento, e neste caso, ele parece flutuar e chegar mais próximo do céu, ficando acima das árvores e da pista de barro. Porém, em pouco tempo, ele retorna e tenta conseguir mais uma vez, gerando um ciclo, tendo que novamente recriar movimentos repletos de intencionalidades.

Essa relação também é observada na imagem 5. A pista de corrida é composta por várias rampas de diferentes tamanhos e para que se torne possível transpor cada uma

delas, é necessário criar e recriar movimentos. Dessa maneira, o corpo se organiza e se reorganiza a cada obstáculo ultrapassado e volta a organizar-se e a reorganizar-se para o próximo obstáculo que está a sua frente. Como na modalidade corrida, prevalece a velocidade Imagem 5, dependendo do referencial, tem-se a impressão de que, ora o restante da natureza é que está em movimento, e ora quem está em movimento é a bicicleta e o praticante, que também faz parte da natureza.

A respeito deste debate, Mendes e Nóbrega (2009) dizem que ao mesmo tempo em que o corpo é organizado e reorganizado pelo ambiente, pelas pessoas e pela sociedade, ele também é um agente modificador, o que torna a recíproca verdadeira entre corpo e mundo. Em outros termos:

Por meio dos gestos somos capazes de expressar símbolos e esconder outros, formando, por tanto, a linguagem do corpo. Por possuir espacialidade e temporalidade próprias, cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico. Cada corpo mantém relações com o espaço em que está inserido, com os outros animais, seja da mesma espécie ou de espécies diferentes (MENDES e NÓBREGA, 2009, p. 4-5).

É certo que o corpo possui história e que as experiências de qualquer manifestação da cultura de movimento modifica a historicidade dele, gerando novos gestos, que expressam significados. E sendo assim, eles podem ser considerados como bioculturais, tendo em vista que não há somente um sentido biológico, mas também um sentido histórico. Nesse pensamento, compreendemos esses gestos a partir da noção de técnica do corpo de Marcel Mauss (2003), que se refere aos usos do corpo, e o modo como cada cultura se utiliza dele para se expressar. De fato, no *bicicross*, e nas diversas manifestações corporais, as técnicas do corpo provocam mudanças no biológico que estão associadas aos aspectos simbólicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da reflexão apresentada, percebemos relações entre corpo, natureza, e cultura, possíveis de serem visualizados por meio das imagens apresentadas da prática do *bicicross*, não como fenômenos separados, mas que estão interligados na existência humana e na cultura de movimento, em que o corpo é constantemente organizado e reorganizado, sem necessariamente utilizar uma técnica corporal ideal.

Compreendemos que esse conceito de técnica do corpo de Marcel Mauss é emblemático para a área da Educação Física, pois é imprescindível que o corpo não seja visto de forma padronizada, mas que seja considerada sua cultura, historicidade, e experiências vividas.

Assim, levando-se em consideração o contexto histórico da prática do *bicicross* e as diferentes formas como podem ser praticados, reforçamos a ideia de que o *bicicross* não pode ser pensado apenas como uma modalidade esportiva, mas também deve ser visto como uma das manifestações da cultura de movimento que abarca aspectos do entrelaçamento entre corpo, natureza, cultura e que pode ser vivenciada no lazer.

Ressaltamos que o *bicicross* pode ser um conteúdo a ser tematizado na Educação Física, não apenas enquanto modalidade esportiva, mas, principalmente como manifestação inserida na cultura de movimento de nossa sociedade. Chamamos a atenção para a riqueza de conhecimentos que o *bicicross* pode despertar nos praticantes, a respeito de sua história, proporcionando ainda a criação e expressões do corpo que poderá vivenciar assim, limites e possibilidades de quem a vivenciar, podendo estar atento às principais modificações que poderão ocorrer.

Nesse sentido, percebemos que a prática do *bicicross* não se restringe a um único padrão corporal e não se limita a determinadas técnicas corporais, mas favorece

possibilidades para que os praticantes possam vivenciar essa cultura de movimento, abrindo espaço para a livre expressão e criação de cada um.

REFERÊNCIAS

BRAMANTE, A. C. Política de lazer. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 185-188.

GOELLNER, S. V.; MELO, V.M. Educação física e história: a literatura e a imagens como fontes. In: CARVALHO, Y.M; RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001.

GOMES, C. L. Lazer - concepções. In: GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 119-125.

FORTES, R. Uma revista de terra, mar e ar: o período poliesportivo de Fluir. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14, Rio de Janeiro, 2009. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2009. p. 1-15.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MENDES, M. I. B. S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de Movimento: reflexões a partir da relação corpo, natureza e cultura. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, p. 1-10, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef>. Acesso em: 20 nov. 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza**: notas: cursos no Collège de France. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MÜHLEN, J. C. V. **Jogos de gênero em Pequim 2008**: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo Site Terra. 2009. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NÓBREGA, T. P. Corpos do Tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento. In: LUCENA, R. F.; SOUZA, E. F. (Org.). **Educação física, esporte e sociedade**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 131-143.

OLIVEIRA, M.V.F. *et al.* Saúde e lazer: reflexão sobre ações intersetoriais. In: MENDES, M. I. B. S; OLIVEIRA, M. V. F. (Org.). **Cenários lúdicos em Unidades de Saúde da Família**: reflexões e perspectivas. Natal: IFRN, 2010. p. 81-112.

RAGO, M. O cassino americano, ou reflexões sobre o lazer em tempos pós-modernos. IN: BRUHNS, H. T. & GUTIERREZ, G. L. (Org.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas, SP: Autores Associados, Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2000.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez 2007.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2005

TRIVINOS, A. N. S. *et al.* In: TRIVINOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS/ Sulina, 2004.

Endereço das Autoras:

Laís Saraiva Torres
Déborah Reis do Nascimento
Maria Isabel Brandão de Souza Mendes
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Departamento de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física
Av. Senador Salgado Filho, 3000, Campus Universitário
Lagoa Nova Natal/RN - Cep: 59.072-970
Endereço Eletrônico: laissaraiva_@hotmail.com
debby_wd@hotmail.com
isabelmendes@ufrnet.br